

O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.



2.956
52

Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 40000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

O nosso collega do *Brasil* noticiou-nos, que uma associação se prepara a fim de fazer ao ministerio uma opposição regular, e assim conseguir a sua substituição. Com quanto estamos acostumado a ver desaparecer os gabinetes, só pelo facto de que tem durado certo espaço de tempo, custa-nos muito a conceber, que as pessoas, que se inculcam, queiram formar uma liga, só para ter o gosto de ver dissolver um gabinete, de cujos principios politicos não discordam ao menos essencialmente. São tão graves as consequências das frequentes mudanças de gabinete, o *Brasil* tanto as tem experimentado, que não podemos conceber, que quando os actuaes ministros vão ficando habilitados para desenvolver praticamente os melhoramentos, que tenham concebido, quando esses melhoramentos começam a ser realidades, seja agora que homens, que de certo são bastante assisados, queiram promover uma crise ministerial. Faz agora um anno, que ouvimos da bocca do Sr. marquez de Paranaguá, que o *Brasil* ia mal, porque em menos de tres annos de maioridade, tinha visto tres ministerios: este pensamento nos ficou gravado na memoria: e supponmos, que não só a nós se assim declararia o illustre marquez, e a sensação, que em nós produziu, em outros devia produzir. E se uma mudança não convinha o anno passado, convirá este anno?

O anno passado começou com um ministerio, que fez ao país serviços immensos; mas que mesmo por suas criticas circumstancias se viu na necessidade de empregar medidas, cuja constitucionalidade era duvidosa para muitos: além disso o ministerio tinha commettido um grande erro: tendo declarado mui positivamente pelo ministro da fazenda, que o tratado com os inglezes acabava em 1842, pelo ministro dos negocios estrangeiros disse aos inglezes, que o tratado continuava até 1844: e teve a fraqueza de nos occultar essa sua decisão, de modo, que primeiro o soubemos pelas repartições inglezas do que pelas nossas. Este facto indispoz contra o gabinete muita gente: desde então ninguém mais pôde ter confiança bastante nelle: as suas promessas mais sollemnes podiam deixar de ser cumpridas, como o fôra aquella.

Ainda mais razões havia. Soube-se por exemplo, que alguns dos ministros apresentavam em suas conferencias algumas medidas, que eram por todos approvadas; mas que levadas depois á presença de S. M., ahí eram visi-

velmente, senão positivamente contrariadas por alguém daquelles mesmos, que as tinham approvado.

E ainda assim foi necessario, que o Sr. Aureliano pedisse mui positivamente a sua demissão: e sendo logo seguido pelo Sr. Paulino, então ministro da justiça, e ficando as cousas nesse estado, o Sr. Aureliano foi para o theatro francez, e ahí communicou a alguns diplomatas, que o gabinete estava dissolvido. Ainda o não estava, porque S. M. ainda lhe não havia accedido a demissão; mas essa revelação tornou impossivel a sua continuação no poder. Foi necessario tudo isto para a queda desse gabinete.

E se apesar de todos estes motivos, o Sr. marquez de Paranaguá deplorava a dissolução do gabinete, sendo elle aquelle, para quem era mais gravosa a sua continuação, como veria elle, ou alguém poderia ver hoje satisfeito a dissolução do gabinete actual?

E que pensamento será, o que presida a essa dissolução e á formação do novo gabinete? Será sómente a não eleição do Sr. Saturnino? Bem sabemos, que a pretexto desse Sr., já dous gabinetes se dissolveram; mas poderá elle ainda servir para se dissolver terceiro? O Sr. Saturnino, que não pôde com um ministro no tempo da regencia Feijó, poderá com tres ministerios hoje? Nos outros países, onde rege o systema representativo, os ministerios representam principios: e um ministerio só deixa o poder para dar entrada a representantes de principios diversos: em Inglaterra e em França assim acontece em todas as mudanças: em Hespanha para mudar um gabinete, ha um pronunciamento e uma nova ordem de cousas: em Portugal mesmo para estabelecer luta para poder guerrear o poder, foi feita a revolução de setembro: e hoje lutam os cartistas e os setembristas, e por ventura os absolutistas e miguelistas. Entre nós quem é que aspira ao poder? E' a resistencia armada? são as franquezas provinciaes? Se o são bem: então venha o Sr. Vergueiro e o Sr. Paula e Sousa, o Sr. Hollanda e o Sr. Limpo: mas se não são esses os principios, que se querem fazer triumphar, quaes são os outros?

Oito mezes tivemos de sessão legislativa o anno passado: em todo esse periodo, além do que deixamos dito, não appareceu um só principio, que podesse servir de extremar um lado de outro lado: apparecerá hoje? qual é? E quem é, que o symbolisa? quem é o chefe dessa nova opinião?

Nem vemos o individuo, que hade symbolisar o prin-

cipio, nem o principio, que hade ser symbolisado: monarchia, constituição, legalidade, são palavras, que todos arvoram: são logares communs, de que se servem Tobias, Ottobris, Malchers, Vinagres, e os da Bahia, e os do Maranhão, e todos. Será com ellas, que se combaterá? será com as economias?

E como se fará uma associação, sem que seus membros conheçam o pensar de cada um? E não podem conhecê-lo, em quanto se não reunirem as camaras, ou em quanto alguém não bastear o novo pendão ahi pela imprensa, e não procurar gritar ás armas, para vêr quem são os que se lhe reúnem.

A ideia por agora seria loucura rematada. Se alguém quer marchar pelos tramites constitucionaes, espere pela reunião das camaras, teute a empresa: veja com que aliados conta; no intervalo da sessão deste anno para a do que vem, disponha as suas baterias, e nessa dê o combate. Só pôde dominar por algum tempo a opinião, que levou algum tempo a formar-se. Fazer e desfazer ministerios pôde ser pensamento de niveladores e destruidores; mas de homens, que queiram estabilidade e ordem não: esses só podem querer a dissolução do gabinete quando souber a quem, e o que o hade substituir.

REAPPARECIMENTO DO -- PHAROL.

O Rio de Janeiro sabe por ouvir dizer, que ahi tem vivido uma folha de tristissimas recordações, que só com o escandalo se tem podido alimentar: fallamos do *Pharol*: e sabe tambem, que por algum tempo esteve suspenso. Pois ahi tornou a apparecer, porém mais insultador, mais saqueroso, que nunca. Fallando do Sr. Honorio, alvo a que mais atira, o que muito honra o illustrado e recto ministro, esse assassino da honra, diz quanto pôde dizer, a mais immunda regateira, tudo quanto ha de máo lhe chama, e por fim diz, que entrou esse Sr. na magistratura para fabricar uma carta, e falsificar uma firma! — Não o vimos fabricar uma carta, falsificar uma firma, para entrar na magistratura? — São as palavras do *Pharol*!!!

O *Pharol* queixou-se em um de seus ultimos numeros, que a brandura de seu estylo, lhe tinha alienado um pequeno numero de leitores: o contemporaneo asseutou, que só provocando o escandalo por todos os modos, é que pôde viver: o contemporaneo nada conhece, que o faça recuar! Até o casamento do Sr. ministro da justiça lhe serviu de thema para discorrer: e como no resto do artigo só diz a esse respeito falsidades, sobre falsidades! Continue o contemporaneo, que vai bem.

LEMBRANÇAS DO -- PHAROL.

O estimavel contemporaneo do *Pharol* expõe as necessidades do paiz, diz que reclama esta uma lei de colonisação, uma lei repressiva do trafico, um codigo commercial, e uma lei de eleições, e censura o gabinete, por não ter feito passar estas leis. Parece, que o contemporaneo andou de proposito indagando as leis, que o ministerio fez esforços para passar. Com effeito, o gabinete propoz uma lei de colonisação, esforçou-se, por que as commissões das duas camaras, dessem o seu parecer sobre o codigo do commercio; e um projecto sobre eleições, foi presente á camara dos deputados. Se estes projectos não passaram, não foi por falta de esforços do gabinete; é porque o gabinete não quiz fazer leis a toda a pressa,

para ter leis inexequíveis, leis escriptas no papel, porém das queas nem um bem resulta ao paiz.

Quanto á lei sobre a repressão do trafico, acha o contemporaneo, que a de 1851 ainda é fraca? Põe a pena de morte para os importadores é pouca cousa? Que reforma quer o contemporaneo nessa lei?

Entre tantas necessidades do paiz, o contemporaneo não se lembrou de outras!

A DEMISSÃO DO SR. SATURNINO.

Com ministros, que menos consciencia tivessem da sua força o Sr. Saturnino já estaria demittido. Alguns d'aquelles, que protegeram a sua eleição, tem declarado, que o fizeram para promover uma crise ministerial: o Sr. Saturnino unindo-se a elles, tornou-se participante dessa vontade; e por isso não devia proferir a mais pequenina queixa se fosse demittido; pelo contrario elle mesmo devia pedir a sua demissão. Mas o ministerio actual, fiado em sua força, que lhe seba de demonstrar a proxima eleição, nem com o Sr. Saturnino mexeu: não fez caso delle. Mas o *Pharol*, que não escreve para dizer uma só verdade, asseverou, que quatro ministros se tinham apresentado a S. M., a pedir a demissão do inspector da alfandega! O *Pharol* estava costumado com outra gente; com ministros, que levavam tudo a cacete: saiba, que ha outros meios de se conservar no poder. Não louvamos o proceder do gabinete: entendemos, que o Sr. Saturnino, não deve mais ser inspector da alfandega, com estes ministros: mas asseveramos, que é falso, o que diz o *Pharol*. Se quatro ministros se tivessem apresentado a pedir essa demissão, (bastaria o da repartição competente), S. M. a não negaria; e quando a negasse conheceria o ministerio, que tinha perdido a confiança da corôa, e muito bem sabe, o que lhe cumpria fazer em tal caso.

O SR. PONTE RIBEIRO.

Chegou a esta côrte, vindo de Buenos-Ayres, o Sr. Duarte da Ponte Ribeiro. Se a missão deste Sr., não foi venturosa para o paiz, proveio isso de circumstancias, que não estava na sua mão, nem na de algum outro remediar: mas para si colheu elle muita gloria, e muita honra pela illustração e energia, com que se houve. O Sr. Ponte Ribeiro não podia mais permanecer em Buenos-Ayres, já pelo seu estado de saude, já pela correspondencia havida entre elle e o governo argentino, que cuidamos, que tem desconhecido seus verdadeiros interesses, ouvindo suggestões de quem o abandonará logo, que lhe fizer conta abandonal-o. Algum facto já lhe hade ter feito vêr, que ha amigos, que não são de fiar.

Nossos negocios, ficaram incumbidos ao nosso consul.

MENTIRA IMPUDENTE.

Assentram os ministros de mandar alguma força para o Rio Grande; fizeram embarcar cem praças; e depois foi o ministro da guerra dar parte a S. Magestade. S. M. porém agastando-se de que tudo se fizesse sem seu conhecimento e consentimento, fez desembarcar as cem praças. Esta historia é contada pelo *Pharol*: quem já viu mentira mais impudente?

Não foram 100, foram 360 praças, as que embarcaram, e não desembarcaram mais, que lá foram no sabbado de tarde em dous vapores para o Rio Grande. Se pois essa força sahiu, se da sua sahida deram conta o *Jornal do Commercio* e o *Diario do Rio* no lugar respectivo, co-

mo se atreve o contemporaneo, a arranjar não uma mentira, porém uma enfiada dellas?

E' necessario ter a cara muito estanhada para tanto.

RAMALHETE POETICO.

Com este titulo deu á luz o Sr. De Simoni um volume, em que se acham alguns pedaços de alguns dos melhores poetas da Italia, com a traducção ao lado. Quanto á escolha, parece-nos, que se os pedaços transcriptos não são máos, todavia alguns ha, que podiam dar logar a outros melhores. Conhecemos, que algumas vezes a escolha é difficil: mas não achar logar nem para uma cantata de Metastasio! nem para um versinho de Casti! Como porém o Sr. De Simoni promette outro volume, talvez para lá nos guarde.

Quanto á traducção, que diremos? transcreveremos o primeiro terceto da entrada do inferno.

" Por mim se vai na cidade gemente

" Por mim se vai na sempiterna dor

" Por mim se vai entre a perdida gente. "

Damos um doce, a quem aqui achar versos ou grammatica.

FALTA DE HOMENS.

Todos os dias ouvimos queixas sobre a falta de homens, e nós mesmo as temos feito: e todavia não ha razão para tantos escarceos. Ha dias houve quem declarasse pelo *Jornal do Commercio*, que precisava de um homem abonado para lhe fazer cobranças: no dia seguinte vinte e tres sujeitos se apresentaram pela mesma folha, para o fim indicado, declarando todos, terem o preciso abono! Vinte e tres individuos só para se occupar de cobranças! Vinte e tres individuos, dos quizes metade pelo menos, não tem absolutamente occupação alguma, e outra metade quasi não tem! E isto fóra os que se não annunciaram, que multos mais supponmos seriam! Se pois temos falta de homens, ao menos não temos falta de mandriões; porque no Rio de Janeiro é mandrião o homem, que está por tal modo desoccupado, que quer encarregar-se de fazer algumas cobranças! No Rio de Janeiro, só não trabalha quem não quer: e quem é trabalhador, não deixa uma profissão qualquer, ainda que menos lucrosa seja, para ir occupar-se de cobranças alheias, o que em breves dias o devem deixar de braços cruzados.

CONSELHOS AO GOVERNO.

Nada ha mais facil, que dar conselhos, sobre tudo aos governos: como todos vêem o mal, todos querem dar-lhe remedio; mas infelizmente são mui poucos, os que tem conhecimento das circumstancias do enfermo, primeiro requisito essencial, para que os conselhos possam aproveitar. Poupai, poupai, poupai! recebei, recebei, recebei! que lindas palavras em nosso actual estado! Mas notai, que só um apontador de uma officina de um arsenal, subtrahiu cada mez de seiscentos a oitocentos mil réis. Não terão os ministros vontade de cohibir estes abusos? não ha a respeito as mais acertadas providencias? O grande mal tem outras causas. Em quanto todos os objectos só forem olhados pelo lado politico, e em quanto com esse pretexto se protegerem todos os criminosos, o remedio é mui custoso. Se o ministro por qualquer motivo, deixa de parte a politica, para tomar em consideração a honradez e a intelligencia, chovem

logo sobre elle as maldições! Em quanto assim andarmos, os remedios são facéis de indicar, mas difficilimos de applicar.

O SR. OTTONI.

O tribunal da Relação não confirmou a sentença do jury, que absolveu o Sr. Ottoni: declarou, que no processo não tinham havido nullidades, unico conhecimento, que lhe pertencia. O Sr. Ottoni, assim como o Sr. Vergueiro e outros, têm sido declarados — *não cabeças de rebellião*. —

Qual será a cabeça desse corpo? dar-se-ha caso, que a não tivesse? E' zombar de nós.

RIO GRANDE DO SUL.

Mais triumphos para a causa do Imperio: ahi os conta o *Jornal do Commercio*, em documento authenticico, que são as ordens do dia do barão presidente. Debalde se fadigam certos sujeitos para espalhar, que os negocios d'aquella provincia vão mal, que o governo occulta o verdadeiro estado della, e que os rebeldes ainda correm á sua vontade pelas vastas campinas d'aquelle continente; noticias chovem umas sobre outras, não correspondencias anonymas, porém documentos officiaes, em que nos dão noticias inteiramente contrarias: segundo todos esses documentos, os rebeldes se acham sem guarida, por não terem mais abrigo, em que possam recolher-se. Ainda ultimamente Canabarro, aquelle dos chefes rebeldes, que mais prestigio tem entre elles, aquelle, que ainda tem maior comitiva, Canabarro foi procurado por uma pequena divisão de nossas forças: mas o caudilho não se atreveu a esperar no campo, que o visitassem; foi-se pondo ao fresco, de modo, que quando chegaram os valentes soldados do imperio, aclararam o logar, em que tinham estado os rebeldes.

Canabarro, ainda tem cousa de mil homens: Neto, Bento Gonsalves, João Antonio, Carvalhinho, e alguns outros chefes de menos nomeada, ainda podem reunir cousa de mil homens: e assim ainda os rebeldes teriam força numerica para tentar uma acção, senão com todas, ao menos com algumas de nossas forças; mas é tal o seu medo, que não se atrevem nem a ver-nos. E este medo, é principalmente de nossa infantaria: os rebeldes já se desenganaram, que a cavallaria é excellente para andar de um para outro lado; mas para se bater, a infantaria é muito melhor, que a cavallaria: e tanto já se convenceram desta verdade, que não é jámais possível fazer, com que queiram atacar nossas batalhões.

A guerra com os rebeldes, ainda tem de durar muito tempo; a guerra com os rebeldes está acabada. Está acabada, porque cada um dellas forma seu grupo separado, e esse fantasma de governo, que tinham proclamado, desapareceu de uma vez: já não tem um povoado, que lhes obedeça: agora apenas tem o terreno, que pisam, e este é nos matos. A guerra com os rebeldes tem de durar muito, porque muito é preciso para fazer desaparecer de uma vez essas quadrilhas, que hoje infestam o Rio Grande.

NOTICIAS DO NORTE.

As embarcações entradas ultimamente do norte, tem dado todas as provincias dessa parte do imperio, em perfeita tranquillidade: apenas nas Alagoas tem havido alguns assassinatos, porém sem côr politica.

E assim fica confirmado, o que por vezes temos dito : a facção trabalha por toda a parte, para anarchisar o paiz ; mas o paiz ri-se de seus esforços. Bastantemente amestrado pela experiencia, o Brasil quer experimentar novo caminho : o das desordens não lhe tem dado bom resultado : tenta-se o da ordem, e da tranquillidade. E com este seremos mais felizes. Se tivéssemos empregado em melhoramentos materiaes do paiz metade dos capitães, que temos despendido em soffocar rebelliões, não zombaria de nós a Inglaterra, querendo constringer-nos, a que acéitemos um tratado, que nos quer impôr pouco mais ou menos, como o que está a terminar. Mas é tal a nossa infelicidade, que tratamos de destruir-nos uns aos outros, sem nos lembrarmos, que para tão caridosas obras bastam os estranhos.

MONTEVIDEO.

Os negocios deste Estado complicam-se cada vez mais. O consul e almirante francezes exigem o desarmamento de seus compatriotas ; estes, que tomaram as armas em favor da causa de Fructo, recusam desarmar-se. O desarmamento seria um golpe mortal. Por outro lado, os inglezes, que tinham reconhecido o bloqueio feito pelos navios, ou antes, por um decreto de Rosas, declaram de sua autoridade privada, certa sciencia e pleno poder, suspenso o bloqueio !

Quem pôde entender estes Srs. ? E até quando desco-nhecerá a America, que a paz lhe é precisa, para não ser peteca nem de inglezes, nem de francezes, nem de outro povo algum do mundo ?

GRECIA.

Continúa em socego a patria dos Socrates, dos Aristides, e dos Phocion. A revolução, que ultimamente ali houve tinha sido muito moderada, limitou-se a exigir a constituição, que o rei havia prometido ; e ainda esta ficou dependente da sanção do rei ; confessamos, que é um grande triumpho da moderação ; oxalá, o futuro não venha trazer mudanças. Como já annunciamos, entre os chefes do movimento, contavam-se alguns dos nomes mais illustres na historia da independencia grega ; era justo que não estivessem esquecidos para um canto, entretanto que os primeiros logares do Estado, eram confiados a alguns aventureiros allemaes, que ou tinham acompanhado o rei, ou tinham depois ido procurar fortuna.

FRANÇA.

O partido legitimista cria forças ; a morte do duque de Orleans veio reanimal-o ; e não será milagre, que a morte de Luiz Philippe seja occasião de graves acontecimentos. O futuro está prenhe.

CONHECIMENTOS UTEIS.

NOVO MEIO DE ILLUMINAÇÃO.

O doutor Peletan obteve privilegio para um novo methodo de illuminação, o qual diz-se proporcioná a luz ou luzes com a intensidade ou profusão, que se deseja mais baratas, que a do azeite e a do gaz, até agora usada, sem grande trabalho para as

preparar, sem nem-um perigo de explosões, sem nem-um perigo para a saúde, sem nem-um incommodo para o olfacto, sem nem-um estrago nos doirados, ou côres melindrosas, que houver na casa. O apparelho para esta feiticaria scientifica pôde ser fixo em qualquer parte da casa, e ir ramificar a claridade por todos os aposentos della, ou portatil se se preferir. Recebe por alimento, o que na terra, onde o tiverem, fôr mais abundante e barato : no norte da Europa e na America materias rezinosas, na Italia a naphta, nas terras de vinhas a aguardente. Em Inglaterra conta-se que o preço da illuminação descerá a 70 por cento.

Um apparelho para vinte luzes gasta em Londres uns 30 rs. de lenha, e coisa de 400 rs. de naphta ou de espirito de terebenthina.

A descripção mechanica da machina e de suas funcções, e a maneira por que exerce, é uma maravilha, que espanta : assim seja verdade.

(Extrahido da *Revista Universal Lisbonense*.)

VARIETADES.

PEQUENAS CAUSAS, GRANDES EFEITOS.

Nada ha mais certo, que a regra, que se encerra na epigrapha deste artigo. Milhares de exemplos podiamos apontar, que ali todos os dias acontecem diante de nossos olhos. Um pequenino bixo, que mal se enxerga, entra ahí n'um dedo de algum pobre mortal, e lhe faz soffrer dôres desesperadas, e muitas vezes até a morte. Se o não vissemos todos os dias, não o acreditaramos. Certo individuo, que supponho que era algum capitão mór, ou cousa que o valha, quiz encomendar umas trinta *albardas* : mas teve uma omissão insignificantissima ; esqueceu-lhe um — a — no tinteiro, e em vez de *albardas*, escreveu *albardas* : na volta do portador, achou-se o pobre diabo com uma porção de albardas, não tendo logar nas costas para mais que uma. Uma cifra, que é uma coisinha tao pequena, e que além disso, diz a arithmetica, que nada vale, tem feito muita gente rica, e muita gente pobre ; e até tem levado alguns á forca.

Porém, nada disto chega á importancia de uma virgula ; nem todos os outros signaes da pontuação ! Por causa de uma virgula, ha mais de mil e oitocentos annos, cada anno vai uma boa porção de almas para o inferno. E' o caso, que fallando de Jesus Christo, diz o Evangelho (S. Marcos, cap. 16 v. 6). *Surrexit, non est hic : resuscitou, não está aqui*. Mas dizem os judeos, que a virgula que pomos adiante do *surrexit*, deve estar adiante do *non*, e que por tanto se deve ler : *Surrexit non, est hic : não resuscitou, está aqui*. E aqui temos toda a differença entre os judeos e os christãos, por que aquelles, declarando Jesus Christo o ultimo dos prophetas, negam sua divindade, e por consequencia sua resurreição ; entretanto, que os christãos pela resurreição provam a divindade do Verbo. Se os christãos têm razão, como firmemente cremos, lá vão os judeos para o inferno ; e se os judeos têm razão, o que negamos, lá vão os christãos.

Aprendam agora tanta senhorita, que ahí anda por esse mundo, e até tanto marmanjo, que não fazem caso das virgulas, a conhecer a sua importancia. E quando escreverem, cuidem em as bem pôr no seu logar, para que lhes não venham dahi desgostos.

Se quizessemos contar casos de enganos por faltas de virgulas, seria uma nunca acabar.